



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro
fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les
PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

1 de Janeiro de 2000 • Ano LVI - N.º 1456
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



Milénio

«Eis que já veio a plenitude
do Tempo: Deus enviou
à Terra o Seu Filho.»

O pretérito perfeito do verbo vir neste anúncio de uma promessa consumada que a terceira antífona das primeiras Vésperas do quarto Domingo do Advento nos lembra, estabelece uma tensão com o imperativo vinde e com o futuro virá em que é pródiga a Liturgia nestes últimos dias que precedem o Natal.

Realmente o Filho de Deus já veio e estamos justamente celebrando o segundo milénio do acontecimento. Ele veio para que a Justiça e a Paz que Ele é, renovassem a Humanidade fragilizada desde o dia da orgulhosa desobediência que constituiu a essência do pecado de origem e introduziu na Terra dos homens o reinado da contradição. Ele veio, «Homem novo criado na Justiça e Santidade verdadeiras», para que o homem velho, nascido de Adão, pudesse renascer no Bem em que foi criado. Mas tal só é possível pela inserção do Homem novo no velho. É em Cristo, por Ele e com Ele que este renascimento se efectuará. Fora d'Ele, sem Ele não há salvação, que «nenhum outro Salvador nos foi dado» senão Ele.

Daí a tensão entre o vinde, o virá e o já veio. Há um vazio imenso a preencher, para o que não bastaram dois milénios desperdiçados pelos homens. Nada de novo tem Deus a dizer-nos ou a dar-nos depois que nos enviou o Seu Filho. E Ele mesmo não suprirá a omissão dos homens neste esforço de adesão ao Filho que nos deu, nesta obra de colmatar o abismo cavado pelos nossos desvarios, só ela capaz de suprimir a contradição cujo reinado se opõe ao d'Ele, «Rei da Verdade e da Vida», Senhor de um «Reino de Justiça, de Amor e de Paz».

Continua na página 3

TRIBUNA DE COIMBRA

Evocação d'aniversário

«A Casa do Gaiato abriu no dia 7 de Janeiro de 1940, com três gaiatos.» É com esta nota, do próprio punho de Padre Américo, que o livro n.º 1 de «Admissões» desta Casa do Gaiato, abre. Faz, pois, no próximo dia 7 de Janeiro de 2000, 60 anos.

O Aniversário de uma Casa do Gaiato sugere motivos variados de reflexão e de acção. Um motivo a nunca esquecer é o de dar graças a Deus. É sob o Nome Santíssimo de Jesus Cristo, Seu Filho, que Pai Américo colocou, esta, e todas as Casas do Gaiato, para que se diga sempre, e se compreenda, mesmo na mudança dos tempos, que a sua acção não é mera realiza-

ção filantrópica, mas acção divina nas almas. Esta motivação original confere-lhe identidade própria — a marca das Obras de Deus — e robustece-a no afrontamento das inevitáveis mudanças da História.

É ocasião oportuna para agradecer a todas aquelas pessoas que a estimam e ajudam, tanto em palavras como por actos. São os nossos Amigos. Ao longo do ano e sobretudo na proximidade das grandes festas cristãs — Natal e Páscoa — nós somos testemunhas de uma autêntica partilha que, quanto a nós, não pode nascer senão da compreensão desta intuição original: Casa do Gaiato — Santuário de almas. Pertença de Deus.

Os rapazes constituem o maior motivo deste júbilo.

Com eles, para eles e por causa deles, são as Casas do Gaiato. Pai Américo deixou escrito, algures, que nós não somos uma «fábrica» de polir meninos... Noutro lugar escreveu, também, que somos a «seara imensa do trigo e do joio»... Os nossos são retratos do tecido social em que vivemos que, como sabemos, nunca foi tão frágil, nomeadamente no que diz respeito à instituição familiar. Apesar de tudo, procuramos fazer de cada um, um homem de bem. Tanto quanto cada um permite e a Graça corrobora. Sem atropelos — que a Natureza tem os seus ritmos. «Porta aberta» cujos gonzos assentam no exercício da responsabilidade e da liberdade pessoal e comunitária. A histó-

ria destes 60 anos atesta positivamente este vínculo.

Não podemos deixar passar este aniversário sem um reconhecimento às pessoas que aqui se gastam ou gastaram. Fazendo-o, apenas, somos justos porque a recompensa, essa vem do Alto. Sabemos do carinho que toda a gente tem pelos gaiatos. Mas também temos a certeza da confiança e da admiração; da oração e da comunhão de vida que tantos e tantos dos nossos Amigos depositam nos nossos padres e senhoras. Também esta atitude de confiança é uma verdadeira partilha para com a Obra da Rua.

A par disto e a jeito de remate, não queremos terminar a evocação deste aniversário

Continua na página 4



Vista geral da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, que foi Casa-mãe da Obra da Rua.

MOÇAMBIQUE

Coração cheio de júbilo

Na nossa vida de Casa há sol e chuva todos os dias. Não quero dizer alegrias e tristezas, embora sejam também verdade. Aqui, nesta quadra do ano, quanto mais calor, tanto mais chuva. Tanto o sol como a chuva incomodam. Mas são elementos da Natureza imprescindíveis às culturas e seu crescimento natural. Imprescindíveis são, na mesma, o empenho e o esforço com que vivemos e levamos a viver os nossos rapazes para que a sementeira seja fecunda em seus corações. É normal que isso cause um incómodo necessário. Mas os frutos são saborosos.

O tempo escolar chegou ao fim. A Escola é fundamental para a educação deles e absorve esforço de atenção permanente, orientado tanto para os alunos como para professores. Mas além de todos os encargos de salários e material escolar, há o peso da Inspeção e da Direcção Escolares que vêm roubar, gratuitamente, o nosso tempo com frequência. Este ano todos os nossos, em cima

da hora de exames, tiveram de se deslocar a outras Escolas, mediante um ofício de há três anos, de que nunca nos haviam dado conhecimento. Foi transtorno e incómodo, para não dizer mais do que dissemos a quem nos trouxe a imposição. Mas foi saboroso, nos resultados finais, ver que os três melhores de cada classe de exame, foram nossos. E a percentagem de aprovados foi o dobro das Escolas oficiais.

Melhor ainda. Trazemos o coração cheio de júbilo e de acção de graças a Deus, pelo chamamento do Custódio à Obra da Rua. Ele tem já uma caminhada longa e sofrida à procura do caminho certo que finalmente encontrou. As contrariedades na hora de manifestar a sua opção, o sacrifício da incompreensão dos Superiores, a aceitação incondicional de todos os obstáculos que, creio,

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

VIÚVAS POBRES — Naquele tempo, ela sofreu grandes sacrifícios para criar os filhos com dignidade, qual mulher forte do Evangelho.

Hoje, para sua glória, já todos constituíram família. Mas, a verdade é esta: as viúvas pobres precisam de quem olhe por elas; e não nos repugna afirmar que, no *seguro social*, ainda são consideradas *cidadãs de segunda*!

No caso vertente, ela está integrada no meio, cuidando da sua casinha — a casa de Nossa Senhora do Carmo...!

Apesar de um pouco degradada pelo tempo, a habitação era, e é, um esmero d'ordem, de limpeza. Foi agora possível dar-lhe uma grande volta: caiação, pintura, reparação da caixilharia, da cozinha, ajuste d'áreas, adequado quarto de banho, etc. E, neste etc., como tarda a distribuição d'água de consumo pelo município, trouxemo-la de moradia vizinha — em sentido comunitário. Precioso fio dela canalizada a cerca de vinte metros.

Agora, é outra mulher! Vive com mais alegria a sua casa reparada, cuja obra ficou por mais de seiscentos contos.

Assim, damos aos Pobres aquilo a que têm direito.

PARTILHA — O habitual cheque, do assinante 4395, de V. N. Famalicão: «*Está a chegar o Natal, o que nos faz recordar, mais profundamente, que temos que lembrar os que mais precisam. Aplicarão o donativo como entenderem.*»

Paço de Arcos: duas suculentas cartas, da assinante 3119, que esperou pelo «*subsídio de Natal*» para cumprir o seu voto. E acrescenta: «*O GAIATO é sempre lido de fio a pavo, logo*

que o recebo — com interesse e amor. É uma jóia que nos faz muito bem.»

Quinze mil, da assinante 21615, de Vila Nova de Famalicão, que lamenta a «*sua vida atribulada*»; e, por isso, «*tenho-vos esquecido e vai, agora, uma migalhinha de nós três: mãe e duas filhas*». Arcozelo (Barcelos): um vale do correio, de vinte mil, pela mão do assinante 7794.

S. Domingos (Trás-os-Montes): remanescente de contas d'O GAIATO com uma prece «*por aqueles que mais distantes andam do Senhor*». Outro, da Parede, assinante 65939: «*Que esta migalha contribua para fazer sorrir os que não sabem o que isso significa. Sorrir é viver, é sinal da nossa alegria, que será consequência necessária da nossa fé. Nada nos pode tirar a alegria!*»

Castelo Branco: valioso cheque, do assinante 67835, que agradece a «*oportunidade de participar um pouquinho na vossa acção*». Porto: Leitora residente na Rua Justino Teixeira, manda cheque de 2.500\$00 para «*ser aplicado no que fizer mais falta*». Por exemplo: a conta da farmácia. Setúbal: «*Pequenina lembrança, do mês de Novembro, com todo o carinho e amor da 'avó dos cinco netinhos'*».

Remanescentes de anuidade do *Famoso*: assinante 39953, de Aveiro; assinante 48383, de S. João de Ver, «*por alma do meu marido*»; assinante 51346, de Travanca (Oliveira de Azeméis); assinante 28053, do Porto — «*velha amiga com 91 anos!*» Damos, por isso, graças a Deus.

Porto: oferta da assinante 5805, para «*ajudar as muitas necessidades que deparamos, todos os dias*». Vila Nova de Gaia: a assinante 47518 está «*grata a Deus por me fazer um elo desta magnífica cadeia de amor*».

Monte Estoril: cinco mil, da assinante 43689, «*por alma de meus pais e sogros*». Sediolos (Mesão Frio): o mesmo, do assinante 4625. Lisboa: três

mil, do assinante 48250. Dez mil, da assinante 57080, da Senhora da Hora. Um abonado cheque, de Carregosa (Oliveira de Azeméis). Outro, da assinante 524, de Vila Nova de Gaia. Mais outro, com um fim específico e oportuno: «*trinta mil, para a reconstrução de casas para os que delas necessitam*», pela mão da assinante 18262, da Covilhã.

Retribuímos os votos da quadra, com o mesmo fervor que no-los enviaram.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Indicamos o nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, d/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

FESTA DE NATAL — A nossa primeira festa de Natal foi em 19 de Dezembro, às 15 horas.

Veio muita gente assistir à recita, que incluiu teatro e danças.

No fim do espectáculo serviram uma merenda.

Para nós, o Natal é uma grande festa — porque nasceu Jesus.

ESCOLA — O primeiro período foi mais ou menos bom. Mas, no segundo, a malta precisa de estudar ainda mais!

A verdade é esta: quando formos grande precisamos de ler e escrever bem. Até para conseguirmos uma carta de condução...

PRESEPIO — O da nossa Capela está feito pela mão do Neca. É muito lindo.

Todos gostam de ver os presepios. Por isso, temo-los em

algumas casas da nossa Aldeia. Mas, o mais importante, são as imagens de Jesus, S. José e Nossa Senhora.

VACARIA — As vacas continuam a dar menos leite. Isto deve ser próprio da natureza.

Curiosamente, um dos nossos, conhecido por «*Oitenta*», às vezes, leva os animais para o campo, onde pastam com muito apetite!

MATANÇA — Abateram três porcos para as festas de Natal e de Ano Novo. Foram criados nas pocilgas da casa da lavoura, quase à entrada da nossa Aldeia.

Nós estamos contentes por tudo isso e porque gostamos muito da carne dos suínos.

OBRAS — Os refeitórios, a cozinha, a copa, os corredores da casa-mãe foram caiados e pintados. Têm, agora, um bom aspecto.

Atendendo à erosão do tempo e à quantidade de gente que temos, de vez em quando torna-se necessário refrescar a nossa Casa.

LENHA — Os mais pequenos, os «*Batatinhas*», ajudam a arrumar os cavacos e a fazer a limpeza dos caminhos da nossa Aldeia. Estes pequeninos serviços são feitos como quem brinca. E eu sei bem como isso é, porque sou um responsável pelo grupinho deles.

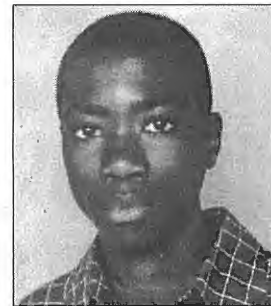
Para todos os Leitores, votos de bom Natal e feliz Ano Novo.

Filipe David

Tiragem média
d'O GAIATO,
por edição,
no mês de Dezembro,
66.050 exemplares.

RETALHOS DE VIDA

«Verdinho»



Sou o António João. Nasci em 5 de Maio de 1984, no Bairro da Maxinde, em Malanje. Os meus companheiros tratam-me por «Verdinho». Tinha 13 anos de idade quando vim para a Casa do Gaiato de Malanje. Comigo está, também, um outro irmão.

Frequento, agora, o 5.º ano de escolaridade. Quando for grande quero ser electricista — para ajudar o meu País.

Estou muito grato por estar aqui, na Casa do Gaiato.

António João

MIRANDA DO CORVO

AULAS — Terminaram em 17 de Dezembro. Os rapazes esperam ter boas notas no final deste primeiro período.

VISITANTES — Recebemos, em nossa Casa, no passado dia 19 de Dezembro, um grupo de Escuteiros da Pampilhosa do Botão e outro de pessoas de Albergaria-a-Velha. Disputámos um jogo de futebol com os Escuteiros, cujo resultado nos foi desfavorável: 7-6. Mesmo perdendo, recebemos a taça que juntámos aos restantes troféus do bar.

FESTAS — Alguns gaiatos foram fazer festa a algumas terras, nesta época de Natal. Foram muito bem recebidos pelos nossos Amigos.

NATAL — Todos os anos, por esta altura, recebemos muitas coisas de pessoas amigas que querem que passemos um bom Natal.

É o tempo do Menino Jesus. Altura em que Ele nasce e, com Ele, a generosidade que há no coração das pessoas.

A generosidade faz com que as pessoas nos deem aquilo que nós precisamos.

CARAS NOVAS — Chegaram à nossa família mais três: o Mário, o Rubens e o André, sendo estes dois últimos irmãos gémeos.

Ângelo

SETÚBAL

PRESEPIO — Já está montado. Foi este fim de semana. Está ao pé da Capela e ficou grande e bonito, como sempre.

Também já enfeitámos a sala de jantar, que também está muito bonita.

A seguir vamos enfeitar o salão e a Capela e vamos pôr luzes na árvore que está à entrada da Casa, que é para tudo estar bonito na nossa festa de Natal.

GÁS — Estamos a acabar uma canalização directa para levar o gás do depósito para as casas.

Primeiro, fizemos uma vala para pôr o tubo; e, depois, pusemos areia lavada e um plástico próprio em cima do tubo de gás. Só falta ligar os esquentadores ao depósito para estar tudo em ordem.

Assim, já não é preciso termos o trabalho de carregar as bilhas do gás — é só ligar a torneira e tomar os banhos quentinhos de que a gente tanto gosta.

LAVOURA — Já semeámos cevada. Agora, estamos a tratar os terrenos para semear aveia, favas, ervilhas, cenouras, batatas, nabos e para plantar couves de toda a qualidade.

Também estamos a tratar dos pomares — já pusemos adubo. Agora, é só gradar e frezar para o terreno ficar direito e os pomares ficarem nos trincos.

Filipe André

Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa

Em 8 de Dezembro, como habitualmente, foi o dia da concentração dos antigos gaiatos da zona de Lisboa, na Casa do Gaiato do Tojal.

Porque de um dia festivo se tratava, nem o sol faltou.

Às 9 horas começaram a chegar. Os beijos e abraços, do costume! Os mais atrevidos, ou

MOÇAMBIQUE

Ordenado para a Obra da Rua

TERMINADO o Curso de Teologia, fui-me apresentar ao Senhor Arcebispo de Maputo, em vista da ordenação Diaconal. Ficou decidido o dia 5 de Dezembro.

Na manhã desse dia saí da Casa do Gaiato com um grupo dos nossos rapazes, um grupo da Comunidade da Massaca e com o nosso Padre José Maria para a Catedral — onde se realizou a cerimónia da Ordenação.

A Catedral estava cheia. Às nove horas começou a Missa que durou três horas. Foi uma liturgia muito rica de gestos e símbolos da Cultura Africana.

O almoço foi servido no Arcebispoado e estavam presentes todos os Padres Diocesanos e alguns convidados. Na hora do corte do bolo, o Senhor Arcebispo apresentou-me ao Clero Diocesano e confirmou a minha vinda para a Obra da Rua depois da Ordenação Sacerdotal. Esta notícia foi duma grande alegria para mim, e para toda a nossa Obra. Depois do almoço partimos para a Casa do Gaiato, onde celebrámos Missa de Acção de Graças. Estiveram

presentes o meu Pai, os meus irmãos, os rapazes da Casa, a Comunidade da Massaca e alguns Amigos da Casa. Foi uma Missa muito bonita, preparada e animada pelos nossos rapazes e pela Comunidade da Massaca.

Depois da Eucaristia tivemos um convívio. Aqui, o nosso Padre José Maria, o meu Pai e o meu Padrinho partilharam alguns sentimentos pela ocasião da celebração. O meu Pai que colocou obstáculos desde os primeiros dias em que manifestei o desejo de ser Padre, disse que ele e minha Mãe me haviam oferecido a Deus para o Sacerdócio após o meu nascimento. Fiquei muito feliz com esta história.

Entendo que a minha vocação é um Dom que Deus me deu desde os primeiros dias da minha vida.

Fui ordenado para a Obra da Rua e, cada dia que passa, sinto que pertencço a esta Obra; e estou disposto a doar totalmente a minha vida a Deus para O servir nos mais pobres.

Custódio Langane

BENGUELA

Festa da família

É Natal. O Salvador chegou. Vi-O no menino que levei, a correr, ao hospital com a mãe, muito maltratado pela doença. Está salvo com os cuidados e os remédios caros comprados na farmácia. — Quem salvou o menino? Foi o Menino que o salvou — porque ele é o único Salvador. Dizem que há muitos salvadores. É mentira. O Salvador é um só: Jesus de Nazaré. Em nome d'Ele os homens também salvam.

Pai Américo entendeu bem esta doutrina. Viveu-a. Por isso, «em Nome de Jesus de Nazaré» gerou a Obra da Rua. Tomou à letra a Palavra eterna dos Actos dos Apóstolos, dirigida ao coxo, à porta do templo:

«Não temos ouro nem prata, mas damos o que temos: — Em nome de Jesus de Nazaré levanta-te e caminha».

Agora, a Palavra é a mesma. Encarnou para sempre. Está no meio de nós. É o Emanuel. A festa do Natal torna presente, duma forma mais expressiva, este acontecimento. Tu, eu e todos havemos de ser a voz desta Palavra.

Os meios de comunicação social anunciam cabazes tentadores de comida e bebidas para a festa que está à porta. É assim em todas as partes do mundo, com certeza. Quem vive, porém, no meio de tamanha pobreza e miséria sente-se chocado. Algo

podemos fazer, entretanto. À nossa medida, que é a medida da gente simples, pobre e humilde — também anunciamos a Festa. Temos o sabão comprado, mais a farinha de milho do nosso campo. Compramos o açúcar e a farinha de trigo, mais o óleo de soja. O Padre Cristóvão mandou o leite. Sei onde se vende feijão, muito caro, e vou comprar alguns sacos. É quanto basta para que o povo anónimo desta terra celebre alegremente a festa do Natal em suas tendas de adobes e cobertas de capim. Os cabazes ricos têm o seu lugar, mas são para outra gente.

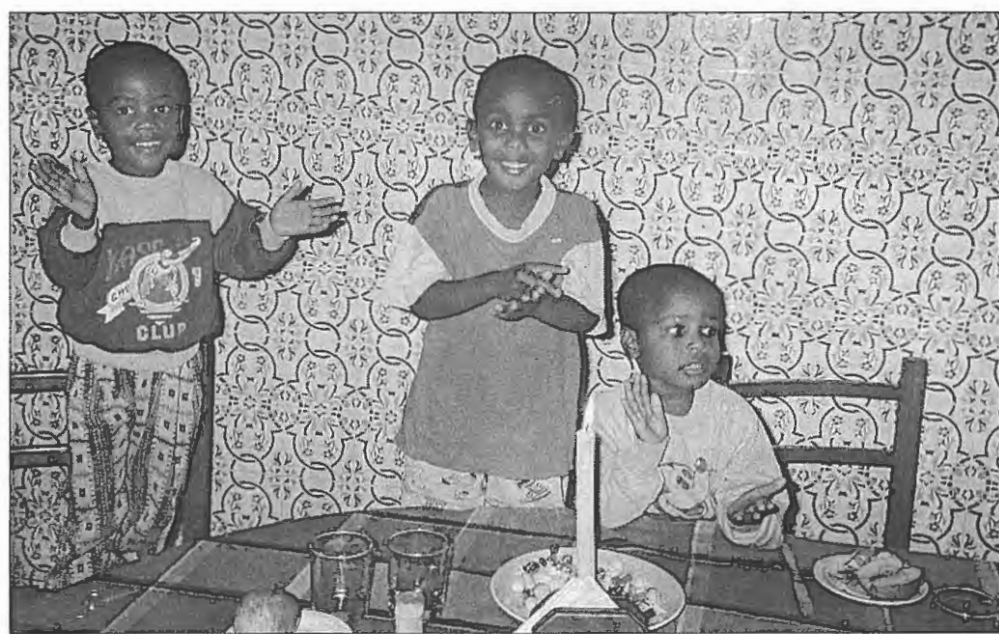
A festa da família anda ligada à festa do Natal. Esta ilumina aquela. Por cima dos vínculos humanos e naturais, tão fortes e profundos, paira a luz da fé que nos faz ver um novo modelo da unidade do género humano. Somos todos irmãos. Por isso, o tempo do Natal abre mais o coração das pessoas para fora do âmbito estritamente familiar. É na consciência da paternidade

comum de Deus, inscrita no coração de cada homem; realizada, de modo admirável, no Menino que nasceu em Belém e que foi dado a todos — que se inspira a solidariedade das pessoas. E, de modo especial, no tempo de Natal. Quem dera fosse sempre Natal! Mesmo aqueles que agem fora do âmbito da fé, não são alheios, sem o sabermos, à semente de comunhão humana lançada em seu coração de homem ou de mulher. É tão belo que a humanidade avance em comunhão!

Enquanto escrevo estas notas, oiço o barulho dos ensaios para a festa. Alegro-me ver os rapazes felizes. Não são somente os nossos, de dentro. A festa entra, também, nas famílias em redor da nossa Casa.

Quando O GAIATO chegar às vossas mãos, o Natal já foi. Estou a fazer votos dum santo Natal para todos e que o ano 2000 nos traga a paz.

Padre Manuel António



Alberto, Américo e André no dia d' aniversário do Américo.

Moçambique

Continuação da página 1

de boa fé lhe puseram no caminho, até a notícia da suspensão da ordenação nas vésperas do Diaconado, só fortaleceram a sua decisão. Eu, que pela velhice me vou tornando impaciente e reclamava pelos direitos humanos à liberdade de escolha da vocação, intimamente estava seguro de que os caminhos de Deus são mesmo assim e animava o Custódio com aquela lição

que aprendi, ainda no Seminário, dum Pobre de Mosca-vide: «Deus aperta mas não afoga».

O Pontifical foi na Sé, que estava cheia. A cerimónia teve o seu ponto mais comovente no momento em que as duas senhoras da Comunidade Pai Américo, que é a nossa da Massaca, foram estender uma esteira e nela uma capulana onde o Ordinando se prostrou de rosto por terra e assim ficou até ao fim da invocação de

Todos os Santos em Ladainha. Foi toda a Liturgia da Ordenação muito densa de gestos, oração e cânticos. Foram três horas de oração como há muito não fazia e parecia-me estar a emprestar os meus olhos a Pai Américo para que ele estivesse presente. Há-de ser agora a primeira Ordenação Sacerdotal, na Capela da Casa do Gaiato, conforme prometeu o Senhor Cardeal no fim do convívio.

Padre José Maria

melhor, com menos barriga, defrontaram em futebol a equipa dos actuais gaiatos. Resultado a condizer: um empate a duas bolas.

Às 12.30 h, a Eucaristia: Honra à Imaculada Conceição padroeira da Casa do Gaiato do Tojal; para nós, dia da Mãe.

Claro, a seguir, um almoço todo à maneira: feijoada à transmontana.

Às 16.00 h, inaugurámos o espaço reservado à Associação. O nosso Padre Cristóvão, para além da cedência do espaço referido, pôs, ainda, à disposição uma sala para futuras Assembleias Gerais.

Depois, fomos até ao salão de festas, onde «Os Banarinos», Grupo de Música Regional Portuguesa do Banco Nacional Ultramarino, nos brindaram com alguns trechos do seu repertório.

Como acabar um dia bem passado, se não com uma merenda ajantarada? Foi, pois, para o refeitório que metemos agulha, acompanhados dos elementos do grupo que acabaram de actuar, a convite do nosso Padre Cristóvão.

Era já noite, para lá das 21.00 h, quando os primeiros começaram a debandar, alegres e bem dispostos, com vontade de regressar para a próxima.

Não era cordial, da nossa parte, deixar passar em branco, um agradecimento. «A César o que é de César.» Ficámos muito gratos: aos «Banarinos» que nos alegraram com a sua actuação; à D. Suzete que forneceu os frangos, pão, bolos, e demais; à firma «Kilon» que nos alegrou a mesa, e o apetite,

com os seus salgados e fiambre. A todos muito obrigado pela disponibilidade e amor com que tratam os actuais gaiatos e levam os antigos a dizer: — Valeu a pena ser gaiato.

Eurico do Carmo Moreira

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Quer de uma maneira quer de outra, todos festejamos a nossa data de nascimento. Mas, a que se aproxima, por ser especial, também deve ser especialmente festejada. Neste momento, atravessamos o Advento que, como sabemos, quer dizer vinda. Vinda do Salvador, vinda daquele que é Amor. Mas, um Amor diferente do que vemos constantemente por aí profanado. É um Amor verdadeiro, também para o nosso semelhante. O Amor do Salvador, antes de tudo, é o amor ao Próximo. Ao marginalizado. Ao necessitado. A todo aquele que tem falta de tudo. Aquele amor que é a força poderosa que o mundo possui e, no entanto, a mais humilde que se pode imaginar.

É esse Amor que nós tentamos levar aos nossos amigos, nestas visitas que fazemos, acompanhados da vossa ajuda. Mas, para a festa do nascimento do Salvador, estamos desanimados, pois as ofertas não dão para a consoada.

Na última reunião, perguntaram ao presidente, como iria ser o Natal dos nossos amigos. Foi-nos dito que não havia fundos...

É certo que, ultimamente, temos sido bombardeados com pedidos de ajuda: Timor, guerra em Angola, campanhas do Banco Alimentar Contra a Fome, etc.

Pai Américo diz, no livro *O Barredo*: «Quantas misérias vamos remediar! Eis o melhor dos Monumentos». A nós, apetece-nos dizer: quantas misérias temos remediado com a vossa ajuda!... Mas se essa ajuda não chegar às nossas mãos, não poderemos continuar a remediar misérias. Acreditamos na vinda do Salvador, sobretudo aos nossos corações, que se irá reflectir, no amor ao irmão desfavorecido.

Há quem se lembre que existem irmãos a precisar de ajuda, só nesta quadra. Mas, todos os dias, eles carecem de alimentos, de vestuário, de calçado, etc. Mesmo assim, é de louvar o Senhor, pois nos seus corações ainda há amor aos Outros e Ele não morreu. Permanece adormecido e só acorda nestas alturas. Talvez seja pelo piscar-pisca das lâmpadas coloridas ou pelo barulho do fernesim em que nos envolvemos nos supermercados!

São João diz, na sua primeira carta: «Aquele que tiver bens deste mundo e vir o seu irmão sofrer necessidades, se lhe fechar o coração, como estará nele o amor de Deus?»

Na última visita aos nossos amigos, estivemos, mais uma vez, com o casal de idosos. Os dois sozinhos em casa. Nem

filha nem netos. Soubemos pela avó que o neto tinha fugido da tropa e acabou por ser preso quando já tinha arranjado emprego. Como é de imaginar, o coração dela estava desfeito. Outro neto, que estava a viver com uma irmã, teve de regressar a casa da avó, e é, para ela, mais um problema: poucas vezes vai à escola. As netas é que lá se vão encaminhando. Uma, mal se desempregou, arranjou logo outro trabalho. Para quem quer trabalhar, não falta aonde. A outra, falta-lhe uma disciplina para terminar o 12.º ano. Para esta, temos contribuído na despesa para os estudos. Agora, também já trabalha e anda a tirar a carta de condução. Damos graças a Deus por tê-lo ajudado a não dar o mesmo passo da mãe.

SAIBAMOS REPARTIR O PAO — Assinante do *Famoso* 24431, 5.000\$00. Armando, de Loures, 10.000\$00. Deolinda, 5.000\$00. Maria, Rua da Alegria, Porto, 20.000\$00. M.M., 10.000\$00. Maria de Belém, 1.000\$00. Figueira da Foz: José Costa, um cheque de 40.000\$00. No entanto, esqueceu-se de o assinar e pedimos que nos contacte, para resolvermos o assunto.

O nosso muito obrigado e Pai Américo interceda por todos, junto do Pai do Céu.

Para todos desejamos um bom Natal, e boas entradas no novo Milénio.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Olga e Valdemar

Milénio

Continuação da página 1

Esta tensão, assumida a nossa responsabilidade nela, do atraso dos nossos tempos relativamente à plenitude do Tempo, provoca dor de consciência, certa e justamente, mas não é causa de depressão nem desespero. Maior que os nossos desvarios é a Sua Misericórdia, a sua Vontade de nos justificar, Ele que «é lento para a ira e sempre pronto a perdoar». Não o fará sem nós; mas em Sua imensurável paciência está disposto a esperar por nós, que reconheçamos a nossa incapacidade sem Ele e nos dirijamos ao que já veio, suplicando-lhe que venha, acreditando que virá, o «Rei excelso, com grande poder, para salvar os homens», para libertar de si-mesmo cada um deles.

Esta a razão por que a Mãe Igreja, presença continuada de Jesus no meio dos homens, põe na nossa boca esta prece instantânea: **Vinde.** Que a Sua Graça abra o coração dos homens, que os não deixe resistir-Lhe. Que eles oiçam o Seu Evangelho, essa Palavra de Salvação que nos legou e é a palavra última, a definitiva Boa Nova, pela qual será possível pôr fim ao reinado da contradição e, em seu lugar, reinará a Justiça e a Paz que Jesus nos trouxe e nos deixou e tem sido tão maltratada ao longo destes dois milénios.

E que esta passagem no Tempo, tão cheia de ruídos e de luzes exteriores, não esmague aquele silêncio íntimo que nos é necessário para a prece essencial à nossa transfiguração: «Vinde, vinde ó Deus-Menino, nascer em meu coração. Tomai dele inteira posse. Tende-o na Vossa mão».

Padre Carlos



O povo e a respectiva Junta da Freguesia decidiram acabar com as barracas ou habitações abarracadas.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

São uma desgraça!

DIZEM os vizinhos: — *É uma desgraça!* Geralmente classificamos, assim, a habitação e o viver de muitas famílias.

Padre Américo teve o dom de se debruçar neste viver e quis que a sua Obra — a Obra da Rua — não fosse para os escolhidos, mas para os rejeitados, os abandonados que, acreditamos, são os mais escolhidos por Deus, que é Pai.

Fomos chamados pela atenção do pároco das freguesias, que alertou: — *Temos em plano a construção de casa para uma família carenciada, no sítio da barraca que têm*

habitado. O agregado é constituído pela mãe, duas filhas e um filho deficiente. Carenciados de tudo. Precisamos da vossa ajuda para a obra.

Outro alerta: — *É uma família constituída por seis pessoas: pais, quatro filhos, entre eles duas meninas. A mãe, há já vinte anos, está quase sempre internada. Vivem numa barraca com apenas duas divisões, chão térreo, a meter água por todo o lado. As piores condições possíveis! É uma família pobre em todos os sentidos. Necesita de um mínimo de condições. Estou a pedir a vossa ajuda.*

LOGO que nos foi possível, pusemo-nos a caminho, fomos verificar, e damos o nosso testemunho.

Com o pároco, fomos à obra do primeiro alerta. O povo da terra e a respectiva Junta de Freguesia decidiram resolver esta difícil situação. A família abandonou a barraca (que foi destruída) e é alojada junto de família amiga.

No mesmo sítio estão já a construir uma habitação muito airosa, com dois quartos, sala, cozinha e quarto de banho. Não tarda a ficar pronta. Os operários mostram-se sorridentes com a boa obra que estão a exe-

cutar. Saímos dali também sorridentes com tudo quanto ali sentimos.

Rumo à estrada, tomámos a direcção doutra barraca, onde tem de viver — se aquilo é viver! — outro agregado. Senhor do céu e da terra, o que nós ali encontramos!... Entrámos por porta velha. O chão tem uma camada de brita à espera da massa. Não há luz nem ar para respirar. Encontrámos logo um canto que serve de cozinha, com borralho. Montinhos de coisitas e lixo por todo o lado. O chão parece uma estrumeira. Subimos por uns degraus difíceis e entrámos noutro aposento com várias camas, roupa embrulhada, em cima, onde dormem todos. Muitos buracos no velho soalho, com aspecto de nunca ter sido limpo. Paredes sem reboço e muito sujas. Saímos daquele ambiente enojados. Nunca ali fizeram obras e, agora, estão à espera da ajuda do povo que as tomou à sua conta.

REGRESSÁMOS felizes com a atitude daquele povo. Nunca encontramos em freguesia alguma, assim realizado, o sonho de Pai Américo: «*Cada freguesia cuide dos seus Pobres*». Informaram que uma senhora da terra é o pólo dinamizador. — *Ela faz andar toda a gente!* Vimos, ali, a força da união e do bom acolhimento aos abandonados. Se, em cada povoação, se unissem e tomassem à sua conta estas *desgraças* — que também são suas — elas desapareceriam ou haveria menos entre nós.

Padre Horácio

ENCONTROS EM LISBOA

O dom da vida

NA curta duração da nossa vida, vamo-nos habituando à passagem dos dias, à sucessão das semanas, dos meses e dos anos, vendo a Natureza repetir o seu ciclo, quase diríamos, num eterno retorno. Às vezes, quase nos cansamos, comentando: — Mais um Natal, mais um Ano Novo... Há, no entanto, ocasiões que nos parecem não se repetir...

Estamos lançados no fim do século e também no fim do milénio. É o alvoroço humano, são os aproveitadores dos medos e dos pânico, são os organizadores das festas para esquecer... Alguns, aproveitando erros de interpretação preparam festas de passagem de ano, de século e de milénio para este ano, repetindo a mesma dose no próximo ano. Entretanto, a Natureza continua o seu ritmo, vestindo-se e despiendo-se dos seus trajes ao sabor das estações, sem dar pelo acontecimento.

Isso é assim mesmo, porque, quem introduz sentido no tempo é o homem. Os seus dias não se repetem, os seus anos correm velozes numa procura de realização da vida. Um dia não é igual ao outro dia e um ano não repete o que se passou no ano anterior. O nosso crescimento faz com que sejamos outros, com novas ideias e novos projectos, marcados pelo positivo ou negativo dos encontros que fomos tendo com quem nos rodeia.

A terminarmos um século e um milénio, o Santo Padre, seguindo uma tradição que nos vem desde os tempos remotos da Bíblia, quis encher de sentido este percurso de um ano nas nossas vidas, anunciando um Ano Santo. Tal facto constitui um desafio para cada um de nós. Vamos ter um ano cheio de celebrações, peregrinações e orações. Também, esperemos em Deus, teremos actos de perdão e de arrependimento. Muitos sonharão com nova vida e desejando tudo recomeçar. Esse é um sonho quase apocalíptico da Nova Terra e de um Novo Céu.

Olhando o percurso humano, dois mil anos depois do nascimento de Jesus no meio dos homens, quase nos parece que estamos em débito. Jesus ensinou um caminho que temos dificuldade em aprender: o dom da vida. No Ano Santo que nos é dado viver, creio que precisamos de interiorizar este caminhar de Deus connosco perguntando qual o sentido profundo do nosso viver. Seria um ano de Graça, se fosse também um ano de vocações consagradas, num dom total de si aos Outros, num encontro com os problemas dos homens, sobretudo dos mais pobres.

Padre Manuel Cristóvão

Tribuna de Coimbra



Esufiante alegria de dois gaiatos, da Casa de Miranda do Corvo.

Continuação da página 1

sem apelar às vocações, sobretudo femininas. Senhoras que venham ajudar a criar e a tratar estes rapazes como filhos seus. Sendo nós uma Obra da Igreja, muito nos admira e questiona o facto de não aparecerem senhoras que decidam oferecer a sua vida aos rapazes. Tanto no nosso Lar de Coimbra como nesta Casa do Gaiato de Miranda

do Corvo, já tarda a hora de, as que estão, passarem testemunho. Os rapazes sentem falta. Mas onde estão as mães substitutas?! É uma fonte de preocupações e não vemos solução. Que venham sem medos nem preconceitos. Seria uma boa prenda de aniversário se alguém, ao ler estas linhas, ficasse inquieta e desse o seu Sim.

Padre João

SETÚBAL

Ser Mãe na Casa do Gaiato

NESTE tempo de Natal a vida dos cristãos é inspirada na ternura que Nossa Senhora dedicou ao seu Menino. O Menino Deus aparece-nos como um repositório infinito do carinho de Sua Mãe, dos pastores e dos simples.

É a procura ansiosa de um lugar em Belém. É a recusa da sociedade de consumo, pequenina naquele tempo mas já instalada no coração do homem. É o encontro de uma gruta aquecida pelo bafo dos animais. É o nascimento silencioso e interiormente radiante no coração de Maria e de José. São as angústias e as incertezas partilhadas naqueles corações virginais. É o aparecimento da família, repleta de valores humanos onde todos vão beber.

Como o Padre Américo gostava de citar — *o regresso a Nazaré!*... Inspirador de toda a mística imperiosa das Casas do Gaiato.

Sendo somente Mãe de um menino, a Virgem n'Ele aprendeu a ser Mãe de todos os homens. Mãe universal da Humanidade por quem o Seu Filho deu a Vida.

Temos por experiência iluminante que às senhoras a quem faltou a maternidade física, faz falta criar um menino pequenino, no seu quarto. Mudar a fralda, dar banho, conversar, imprimir as primeiras regras da higiene e educação, alimentar, sentir a saúde e a falta dela, agarrar no seu coração todo aquele ser pequenino e fazê-lo palpar dentro de si em todos os momentos do dia e da noite! De tal modo que a vida íntima da mãe é uma vida a dois.

Assim, as senhoras aprendem por intuição viva a doer-se dos outros meninos que aparecem em nossas Casas carregados de mazelas e deficiências de toda a ordem. Também eles precisam de ser o encanto de Alguém.

Quando a fé nos diz que eles são a imagem viva e actual do Menino Deus, então aparece uma ajuda vigorosa capaz de todos os sacrifícios. Força imparável que olha como ridículo todas as ilusões deixadas para trás: Família, curso, currículo, áurea humana ou até realização pessoal. Tudo é ridículo perante a grandeza de ser Mãe numa Casa do Gaiato. A percepção clara desta magnitude maternal só se aprende após a experiência.

O valor duma doação de si mesma, numa aventura destas, só tem semelhança na que Jesus fez há dois mil anos, ao nascer como nasceu, no meio dos pobres!

Será que estou, como João Baptista, a pregar no deserto?!...

Padre Acílio

PENSAMENTO

O dom de Deus é de tal forma infinito que eu, sozinho, não poderia nunca distribuir adequadamente tudo quanto Ele me dá para distribuir.

PAI AMÉRICO